Universidade de São Paulo

Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"

LCF-0679: Políticas Públicas, Legislação e Educação Florestal

Consciência na Pós-Modernidade: Uma Perspectiva Sobrevivencialista

LUCAS ALMEIDA VAZZOLA

N° USP: 9817629

PIRACICABA

2018

Não é possível embasar um viés de pensamento sem que se tenha a conjuntura no qual ele está inserido. Neste sentido, determina-se aqui o contexto da sociedade atual como pós-modernidade, caracterizada por mudanças significativas provocadas e vividas pelo homem. É a partir disso que se tem o conceito trazido por muitos autores da era das incertezas, fragmentações, troca de valores, deserção, efemeridade, substituição da ética pela estética, apatia, do vazio, niilismo, imediatismo, hedonismo e consumo de sensações.

Decorrente destes fatores se tem um sentimento de incerteza crescente sendo instalado no espírito dos homens que lentamente se transforma em medo. Entretanto, as incertezas experimentadas pelo homem pós-moderno parecem estar muito mais relacionadas ao âmbito de valores morais do que realmente a aspectos inerentes a sobrevivência humana.

As revoluções industriais e a consequente evolução das infraestruturas metropolitanas permitiram à uma parcela dos homens que experimentassem uma acomodação e conveniência que nunca antes foi possível. Atualmente, tem-se alguém para construir seu abrigo, colher seu alimento, assegurar seu abastecimento de água e que zele por sua segurança, entretanto, a pós-modernidade nos sujeita à fragilidade dos sistemas de infraestrutura e a organização social, logo nunca estivemos livres da responsabilidade de termos que depender exclusivamente da autossuficiência e do instinto de autopreservação.

O senso de união é inerente ao ser humano, podendo ser extremamente benéfico para uma sociedade em desenvolvimento. Com o advento das grandes metrópoles e consequente maior concentração populacional, esta característica humana teve de se aflorar ainda mais. Contudo, raramente se tem uma união concretizada entre todos envolvidos na sociedade, o que pode gerar grandes fissuras sociais e ser uma das causas das grandes polarizações encontradas ao redor do mundo atualmente.

A partir do século XX iniciou-se uma grande cultura de fé ao redor da união entre os indivíduos e que, em coletivo, pode se atingir propósitos notáveis, o que não deve ser descredibilizado. Todavia, é fato que de nada adianta a união se cada indivíduo se recusa a pregar os valores almejados na sua esfera particular e íntima, disseminando a hipocrisia para garantir uma vida mais confortável para si. Este

fenômeno é facilmente notado no âmbito ambiental, no qual é possível encontrar indivíduos assíduos ao ativismo, porém segue descartando lixos de forma indevida e a usar seu automóvel de forma não consciente.

Frente a este panorama, é preciso alinhar a consciência individual para que, posteriormente possa se obter um senso coletivo e uma união mais concreta. Uma perspectiva interessante que sintetiza o que foi dito anteriormente é o sobrevivencialismo. Este estilo de vida surgiu da capacidade criativa do ser humano em desenvolver soluções para problemáticas advindas de colapsos sociais e serviços básicos oferecidos para sociedade. As práticas sobrevivencialistas sempre estiveram presentes na vida de muitos ao longo da história da humanidade, desde o costume de estocar alimentos até aqueles que desenvolveram formas de defesa pessoal para estarem mais seguros. No entanto, o termo só foi criado em meados da década de 70 pelos americanos, preocupados com os riscos de ataques nucleares durante a Guerra Fria.

Ao longo do tempo, o conceito deste estilo de vida se tornou demasiadamente amplo, porém passou a ganhar um cunho maior de prevenção, responsabilidade social e sustentabilidade, em contraste a sua origem de preparação para o “fim do mundo”. Atualmente a definição de Sobrevivencialistas mais bem aceita é dada por indivíduos que reconhecem a fragilidade da sociedade e estão atentos a um possível colapso, estocam alimentos e outras provisões para emergências, procuram maneiras de se tornarem mais independentes de recursos essenciais supridos pelo sistema, como água, comida e energia, buscam adquirir conhecimentos e meios de defesa, tratam de seu estado físico para que estejam operacionais em caso de necessidade e praticam atividades voltadas a área de aventura e o contato com a natureza buscando atingir maior resiliência emocional e física em situações adversas.

“Tornar você mais responsável pela sua vida.”

Ao tornar-se mais responsável por suas vidas, os indivíduos aliados ao pensamento sobrevivencialista estão constantemente buscando por conhecimentos e informações que os podem ser relevantes em situações adversas ou mesmo para tornar suas vidas mais confortáveis, quando não dependerão de sistemas de infraestrutura frágeis ou terceirização desnecessária de serviços.

Concomitantemente com o sentido explícito da frase, tornar-se mais responsável pela sua própria vida, pode o tornar um indivíduo socialmente melhor ao passo que tarefas consideradas muitas vezes banais, como colher alimentos e coletar água, se tornam uma realidade, forçando-o a valorizar esses serviços quando outros o farão para você.

Em uma tentativa de aproximação com os pilares sobrevivencialistas do contato com a natureza e atividades de aventura, o estilo de vida pode ser colocado de fronte a filosofia minimalista existencial de Henry David Thoreau, cujo pregava simplicidade e abdicação de bens materiais a fim de obter uma melhor compreensão da existência humana e do mundo, o que poderia combater as problemáticas pós-modernas. A partir deste espectro, o sobrevivencialista terá maior conhecimento dos seus limites como humano e maior clareza do que realmente é essencial para sua existência, tornando a sobrevivência muito mais simples.

Neste espectro, pode-se então analisar a tamanha relevância que o componente arbóreo possui para uma sociedade com as características citadas. A árvore traz consigo uma versatilidade que nenhum outro organismo carrega, podendo ser para um sobrevivencialista, sua casa, em uma floresta, como fez Thoreau em meados do século XVII, até material para confecção de ferramentas ou lenha para cozinhar seus alimentos.

Não bastando sua pluralidade de aplicações, a árvore ainda representa para uma sociedade mais consciente, um importante agente de mitigação das mudanças climáticas globais. Desta maneira, além de se traduzir em uma solução bastante possível, o componente arbóreo pode garantir ainda a prevalência do ser humano no planeta com manutenção e bem-estar.

Uma sociedade consciente sobrevivencialista seria então aquela que, por meio de conhecimento e treinamento, se torna constantemente mais consciente da existência e do mundo em que vivem, bem como se tornam mais responsáveis por si próprios e passam a valorizar e respeitar o trabalho humano que é desempenhado pelo próximo, além de estarem mais preparados para um mundo em que as mordomias da sociedade moderna não existem.

Referências

COTTA, Francis Albert. **A crise da modernidade e a insegurança social**. Revista Jus Navigandi, ISSN 1518-4862, Teresina, **ano 10, n. 855, 5 nov. 2005**. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/7461>. Acesso em: 15 nov. 2018

LOBO, Julio. **VOCÊ É UM SOBREVIVENCIALISTA DE VERDADE?** Florianópolis: Portal Sobrevivencialista, 2017. Disponível em: https://www.viadefuga.com/p/captura-e-book.

HERRCO. **SOBREVIVENCIALISMO: MAIS DO QUE UM CONCEITO.** 2017. Disponível em: https://sobrevivencialismo.com/2017/02/12/sobrevivencialismo-mais-do-que-um-conceito/ Acesso em: 10 ago. 2018.

THOREAU, Henry David. **WALDEN.** Edipro, 1854.

MORAES, Jussara Malafaia. Pós-Modernidade. **Veiga Mais.** Rio de Janeiro, jan. 2004.